

Maquiavel E A História

Newton Bignotto (1)

A modernidade nos acostumou de tal forma história e a certos modos de compreendê-la, que mal nos damos conta de que essa atitude diante do desenrolar dos acontecimentos é algo recente nas sociedades humanas. Quando o pensamento moderno se afirmou, a história deixou de ser apenas um modo de pensamento, ou, nos seus dias, nossa primeira tendência a rejeitá-los como anacronísticos ou até mesmo anedóticos.

Seculo XX foi, a esse respeito, herdeiro de uma grande idéia sobre o tempo dos eventos humanos: a de que a história faz sentido e que caminha em direção a alguma coisa. Podemos, é certo, descobrir a raiz dessa crença no conceito medieval de saeculvni, que descrevia o tempo dos homens na Terra como um tempo de pecado e perdição, apontá para um momento final no qual todas as diferenças serão suprimidas pelo retorno do divino entre os homens. Mas a verdade é que a modernidade alterou de maneira significativa essa concepção. Ao tentar a história, introduziu a idéia de progresso e laicizou os seus conteúdos. Terenos, assim, o H. Mehl, o desenvolvimento de uma filosofia da história que, apontando para a formação do espírito absoluto no desenrolar dos acontecimentos do mundo, marcou profundamente os tempos modernos com a idéia de que estamos caminhando em direção a um telos, que representará o pleno desabrochar de nossa humanidade.

O desenvolvimento das filosofias da história, que se fez solidário da expansão da idéia de progresso, conheceu várias versões, algumas das quais, como foi o caso do positivismo, de grande influência entre nós, e muitas críticas. Mais recentemente, a crítica niilista parece ter-se mostrado tão eficaz, que os perguntamos se efetivamente poderôs atribuir um sentido geral a história, desiludidos não em termos dos rumos de nossa própria história, mas, sobretudo, com a insistente inibição da barbárie em nossa época.

Nesse contexto, podemos nos perguntar por que ler Maquiavel, ou melhor, porque ler justamente os textos nos quais afirmou suas preocupações com a história? A primeira vista, a resposta não é simples. Se olharmos com atenção para o segundo capítulo do primeiro livro dos Discursos sobre a Primeira Década de Tito Lívio, veremos que nosso autor explicita uma concepção circular da história. Essa concepção vem de Platão, e foi retomada pelo secretário florentino a partir das Histórias de Políbio, que, em seu sexto livro, apresenta uma descrição detalhada das mudanças que as diversas sociedades passaram por ao longo do tempo. Mas, em primeiro lugar, a história não é apenas uma tentativa de recuperar o passado, mas também uma tentativa de lidar com o futuro. Devemos, portanto, deixar de lado a simples descrição dos processos de transformação e prestar atenção ao processo de construção dos diversos espaços públicos. Aqui reside provavelmente uma grande interesse dos textos que se seguem. Maquiavel não despreza a idéia de que as diversas instituições se modificam de acordo com uma ordem estabelecida, mas observa que tal conhecimento é de escassa valia para os que devem agir no presente e que não podem simplesmente esperar pelo cumprimento da lei circular que rege a história dos povos. Escapamos, assim, do risco de um ceticismo feroz, que condena todas as ações a nada da falta de sentido, e também de um determinismo que nos transfirma em meros executores de um processo que nós não ultrapassamos.

Quando Maquiavel nos ensina a que o conceito de tempo não é suficiente para guiar a ação dos homens no mundo, e isso pela simples razão de que o que chamamos história é da ordem da ação e do fazer, e não do mero acontecer. Empurrados para a ação, os homens podem contar com as lições do passado, com os conhecimentos da filosofia e das outras disciplinas, mas não podem deixar de inventar as condições de sua existência enquanto seres que retiraram sua sobrevivência do convívio com os outros. A história se faz, assim, entre a vontade dos homens de atingir sempre novos objetivos, a repetibilidade do mundo e a indeterminação própria aos negócios humanos. Se o agir permeado pela solução para nossos desejos, e por que a história não é apenas uma tentativa de recuperar o passado, mas também uma tentativa de lidar com o futuro. Devemos, portanto, deixar de lado a simples descrição dos processos de transformação e prestar atenção ao processo de construção dos diversos espaços públicos. Aqui reside provavelmente uma grande interesse dos textos que se seguem. Maquiavel não despreza a idéia de que as diversas instituições se modificam de acordo com uma ordem estabelecida, mas observa que tal conhecimento é de escassa valia para os que devem agir no presente e que não podem simplesmente esperar pelo cumprimento da lei circular que rege a história dos povos. Escapamos, assim, do risco de um ceticismo feroz, que condena todas as ações a nada da falta de sentido, e também de um determinismo que nos transfirma em meros executores de um processo que nós não ultrapassamos.
